

## O outro lado do índio: representações sociais na mídia

**Daiane Nogueira Batista<sup>1</sup>**

*Universidade Federal do Amazonas*

**Lucas Wilame Almeida da Silva<sup>2</sup>**

*Universidade Federal do Amazonas*

**Hellen Cristina Picanço Simas<sup>3</sup>**

*Universidade Federal do Amazonas*

### Resumo

A mídia atualmente além de ser a principal fonte de informação da sociedade, também possui papel decisivo na formação da opinião pública. Através de sua atuação, divulga ideias e valores e, muitas vezes, reforça a ideologia dominante, cria e fortalece estereótipos. O artigo intitulado *O Outro Lado do Índio: representações sociais na mídia*, por considerar relevante a atuação social da mídia, tem o objetivo de analisar a imagem do indígena presente em matérias do site *Notícias Agrícolas*, para observar se elas apresentam discursivamente o indígena de forma estereotipada. O marco teórico é composto pela Teoria Análise do Discurso (AD) de linha francesa, conceitos-chave sobre Jornalismo e por pesquisas que refletem sobre a imagem indígena. Principalmente serviram de base os trabalhos de Michel Pêcheux (2002); Dominique Maingueneau (2004); Sírio Possenti (2005); Orlandi (2002); Maria Silva (2005), autores que discutem a AD; trabalhos de Marcos Terena (2000) e Rinaldo Arruda (2001), que tratam sobre a imagem indígena e estudos de Nilson Lage (2006), Felipe Pena (2012), Luiz Amaral (2008), que refletem sobre a atuação jornalística. Esta pesquisa configura-se como bibliográfica e utiliza a abordagem analítico-indutiva, para se analisar as notícias e, a partir dos resultados encontrados, elaborar hipóteses gerais para o fenômeno estudado. Espera-se com esta pesquisa acerca da imagem indígena fomentar as reflexões sobre como povos nativos são representados nas matérias no site *Notícias Agrícolas*.

**Palavras-chave:** Formações Discursivas; Análise do Discurso; Notícia; Sujeito; Indígena.

### Abstract

This article titled *The Other Side of the Indian* has the objective of analyze the news site *NotíciasAgrícolas* to show how the news in study construct the image of the Indian, creating and disseminating certain representations. The media emit discourse that form opinions. They manage to persuade the public and thereby help to form a public opinion on many relevant issues to society, including about indigenous issues, as they are the media. They often reinforce the dominant ideology and create and strengthen stereotypes. However, it is important to analyze the media discourse about indigenous and thus contribute to deconstruct the stereotypical image of indigenous released by the media. The corpus of the study is formed by three news from the site *NotíciasAgrícolas*, published on

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Comunicação Social / Jornalismo, ICSEZ/UFAM.

<sup>2</sup> Acadêmico do curso de Comunicação Social / Jornalismo, ICSEZ/UFAM

<sup>3</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2013). Professora efetiva do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia da Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Líder do Núcleo de Estudos de Linguagens da Amazônia (Nel-Amazônia/CNPq). Atualmente desenvolve estudos relacionados ao levantamento sociolinguísticos dos índios urbanos da etnia Sateré-Mawé do Baixo Amazonas, além de estudos sobre gêneros textuais jornalísticos na perspectiva bakhtiniana e pecheutiana. Email: india.parintintins@gmail.com

June 17, July 25 and July 28, 2014 respectively. *NotíciasAgrícolas* is a site aimed for farmers, he also produces and publishes other news media. In many of his subjects, the Indian comes as the protagonist, especially when issues related to land disputes between farmers and indigenous peoples are under discussion. For analysis, we use as theoretical framework, Discourse Analysis theory of the French line, which sees language as necessary mediation between man and the natural and social reality. We use mainly the works of Michel Pecheux (2002); Dominique Maingueneau (2004); Syrian Possenti (2005); Orlandi (2002), Maria Silva (2005), as well as the works of Marcos Terena (2000) and Rodrigo Arruda (2004), that deal about indigenous image and key-concepts about journalism presented by Nilson Lage (2006), Felipe Pena (2012), Luiz Amaral (2008). This research is configured as bibliographic and uses the analytical-inductive approach, which consists in analyzing the texts and, from the results found, develops general hypotheses for the phenomenon studied. Therefore, it is expected to foster reflections on how native groups are represented in the media.

**Key-word:** Formation Discursives; Discourse Analysis; News; Subject; Brazilian Indian.

## Introdução

A imagem do indígena na sociedade, bem como na mídia ainda é carregada de olhar etnocêntrico. O indígena não é valorizado, e os meios de comunicação têm uma tendência a fortalecerem preconceitos contra os povos nativos, a partir da publicação de notícias distorcidas ou em que a voz do indígena não aparece para se contrapor à voz do não-índio. A mídia, por ter poder de formar opiniões, termina, na maioria das vezes, ajudando a desvalorizar esses grupos minoritários. Diante disso, é preciso evidenciar quais os discursos veiculados pela mídia ao tratarem de notícias sobre indígenas. Por isso, o objetivo deste trabalho é verificar em três notícias do site *Notícias Agrícolas* como é construída a imagem do indígena e quais os sentidos dos discursos que repercutem nestes noticiários.

Na maioria das vezes em que a mídia aborda notícias sobre os indígenas, estereótipos são reafirmados e contribuem para a construção de uma imagem negativa sobre os nativos. Segundo Melo (2008) as notícias sobre os indígenas são raras, e geralmente estão relacionadas à violência contra o indígena ou mostrando o indígena como autor de violência. Para Minardi (2012), os índios são apresentados à sociedade como diferente, preguiçosos e suprimidos pela economia vigente, muitas vezes, reforçando a visão dos antigos colonizadores em relação à força de trabalho indígena que fora posteriormente substituída pelos negros.

Os meios de comunicação exercem papel importante na disseminação de informação e conhecimento. Todos os dias diversos gêneros jornalísticos, como as notícias, são produzidos para que as pessoas conheçam e reconheçam fatos, realidades “hábitat”, ou seja, reflitam sobre os contextos sociais que os envolvem e, também, possam criar opiniões. É justamente por os textos jornalísticos exercerem essa grande função que se deve ficar atento

aos seus discursos presentes nas notícias, reportagens ou notas, pois eles reforçam formações discursivas que contribuem para construção negativa, por exemplo, dos povos nativos. Deve-se ter uma visão crítica sobre o conteúdo divulgado pela mídia, passando a se questionar sobre as realidades criadas, em grande parte, para satisfazer determinado grupo e fortalecer ideologias de uma minoria.

A primeira notícia analisada foi publicada no site *Notícias Agrícolas* dia 17/06/14 e trata da ocupação de terras por indígenas. É possível notar que o indígena sempre aparece em todo o texto ligado à formação discursiva de “vandalismo” sobre o índio. A segunda notícia foi colocada na web no dia 25/07/14 e traz o indígena como protagonista de manifestações contra a construção da Usina de Belo Monte, tratando-os como um problema para a realização dessa obra, uma vez que as paralisações, segundo o autor, aumenta o custo de construção da usina. A terceira notícia foi publicada no dia 28/07/14 e trata de um Curso de Vigilância de Proteção de Terras, que estava sendo oferecido pela Funai como uma forma de capacitação para os índios.

Na primeira parte deste trabalho será abordado o marco teórico com conceitos da AD, como forma de entender como os sentidos do discurso são criados. Passando por estudos relacionados às questões indígenas e sobre o jornalismo. Depois será apresentada as análises das três notícias do site *Notícias Agrícolas*. E, para finalizar, uma breve conclusão com os resultados obtidos.

### **A Análise do Discurso – AD**

Existem várias maneiras de se estudar a linguagem. Ao longo dos tempos vários estudiosos da Linguística descobriram que além de estudar a gramática como uma forma de entender a língua, havia outro método de compreendê-la, o estudo chamado Análise do Discurso. O objeto de estudo da Análise do Discurso é o discurso, ou seja, a palavra em movimento. Para Eni P. Orlandi (2002, p. 15):

A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social [...] torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana.

Diante disso, a Análise do Discurso verifica quais sentidos surgem em uma materialidade linguística - texto. A AD trabalha com a língua no mundo, com maneiras de

significar, trazer sentidos enquanto parte da vida e da constituição do sujeito.

O analista do discurso, por isso, deve ser capaz de compreender quais discursos estão presentes em objetos simbólicos: “Análise do Discurso visa à compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos [...]” (ORLANDI, 2002, p. 26).

Segundo Maria Silva (2005, p. 17):

A Análise do Discurso busca conceber como a linguagem se materializa na ideologia e como esta última se manifesta na língua. Dito de outra forma, a Análise do Discurso busca apreender como a ideologia se materializa no discurso e como o discurso se materializa na língua, de modo a entender como o sujeito, atravessado pela ideologia de seu tempo, de seu lugar social, lança mão da língua para significar(-se).

Ou seja, o sujeito é atravessado pela ideologia do seu tempo e, ao fazer uso da língua, termina evidenciando em seus dizeres discursos que fazem parte da memória discursiva. O sujeito tem a ilusão de que seu dizer é seu, de que não traz em si dizeres de outros. A esta ilusão, Orlandi (2002) chama esquecimento número 1, ideológico: “por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos preexistentes” (ORLANDI, 2002, p. 35).

As posições ideológicas são dadas dentro das formações discursivas a partir de contexto sócio-histórico. Para Orlandi (2002, p. 43), é a formação discursiva que determina o que deve e pode ser dito. A materialidade das palavras que são ditas tem essência nas formações discursivas, ou seja, é a partir da discursividade que elas ganham sentido. Nessa perspectiva, o sujeito não é livre, está assujeitado à ideologia e à língua. A ideologia que prevalece termina por ser da classe dominante, como esclarece Silva (2005, p.20): “a ideologia é um instrumento de dominação de classe, porque a classe dominante faz com que suas ideias passem a ser ideias de todos”.

Diante do exposto, pretende-se verificar os vários sentidos presentes em notícias jornalísticas sobre indígenas, para identificar a constituição da imagem do sujeito indígena pela mídia, uma vez que, com a criação da imprensa sensacionalista no fim do século XIX e começo do século XX, formou-se uma nova forma de fazer notícia. O sensacionalismo “adquiriu novo aspecto, dando ênfase a histórias sentimentais e de crimes [...] voltada para a coleta de informações a qualquer preço e, eventualmente, mentirosa” (LAGE, 2006, p. 15).

Logo, é evidente que a imprensa veicula discursos contraditórios, e suas notícias não são verossímeis, mas, muitas vezes, criadas e/ou ampliadas com objetivo de vender

informação falsa. A mídia, portanto, não é o espelho da realidade, e suas matérias são fragmentos recortados e montados da vida cotidiana, a partir do olhar do sujeito jornalista. Para Luiz Gadini (1999, p. 14), “falar em jornalismo é, então, falar em fragmentos de realidade, resultante de um jogo de fatores e códigos de produção discursiva”.

Por se entender essas complexidades do fazer jornalístico, resolveu-se analisar notícias publicadas por jornais sobre povos indígenas, a fim de perceber os estereótipos que reforçam uma imagem negativa sobre esses grupos. Discursos sobre indígenas que são construídos para se fixarem na memória do leitor. A mídia, a partir de interesses particulares, transmite e (re)constrói a imagem do indígena como selvagem, não civilizado e ser vivente ainda como em idos de 500.

Segundo Arruda (2001, p. 43):

No Brasil, o desconhecimento ou o desprezo pelo papel da diversidade cultural no estímulo e enriquecimento das dinâmicas sociais e, principalmente, a recusa etnocêntrica da contemporaneidade de sociedades de orientação cultural diversa, tem sedimentado uma visão quase sempre negativa das sociedades indígenas. Na postura ideológica predominante, os índios não contam para o futuro, já que são considerados uma excrescência arcaica, ainda que teimosa, de uma ‘pré-brasilidade’, ou seja, esse discurso hegemônico sobre os indígenas tende a ser reforçada pela mídia, sendo um obstáculo ao processo de valorização dos povos nativos. Para Terena (2000, p.162), o homem branco considera os índios como carentes, selvagens, turrões e preguiçosos, pois, segundo o autor (2000, p.162), os indígenas são um obstáculo para a sociedade em desenvolvimento. Esta visão ainda é empregada no senso comum, é um preconceito aceito pela sociedade brasileira.

Portanto, percebe-se que o índio continua sendo apresentado como selvagem pela mídia. Eles entram nos noticiários como isolados, seres desconhecidos e que desconhecem o mundo, assim sendo, taxados de ignorantes ou não civilizados, por exemplo. São vários os assuntos envolvendo o povo indígena que são abordados de forma negativa no *Mass Media* da imprensa brasileira (MELO, 2008). Para somar a discussão iniciada pela citada autora, analisou-se notícias do para tentar evidenciados mesmo resultados encontrados pela pesquisadora.

### **Representações Sociais do índio na Mídia**

As três notícias em estudo produzem discursos sobre o sujeito (o indígena) sempre

em pautas relacionadas a imagens de “os coitadinhos”, “meliantes” e sujeitos violentos.

A primeira notícia foi publicada no site dia 17/06/14. Ela trata do não cumprimento de um acordo e de uma nova apropriação de terras por parte dos índios da etnia Pataxó. Em todo o contexto da notícia, o autor usa palavras de sentido negativo para descrever o sujeito indígena, criando a imagem de criminosos em um cenário de guerra entre fazendeiros e nativos, mas na qual apenas as ações dos pataxó são retratadas e ainda descritas como agressivas pela notícia.

A notícia é intitulada “Índios descumprem acordo e voltam a invadir fazendas no sul da Bahia”. O uso de termo ‘invadir’ pode induzir a uma compreensão de que os índios ocuparam de forma irregular as terras. O site também não mostra quais motivos levaram os nativos a se apropriarem das terras, fazendo subentender que a ação deles se deu de forma criminosa.

No trecho: “Mais duas propriedades rurais foram invadidas pela milícia de índios pataxó no município de Itamaraju, no sul da Bahia”, o termo ‘milícia’ utilizado na frase incita uma distorção da representatividade do grupo de nativos, ou seja, cria um entendimento de que se trata de um grupo violento, uma vez que a palavra ‘milícia’ é usada, geralmente, como designação a grupos armados e violentos que agem coagindo a população. Também podemos pensar que o termo *milícia* utilizado no texto atualiza a formação discursiva que concebe o indígena como selvagem, uma vez que o citado termo semanticamente associa-se ao conceito de violência e este à palavra selvagem. No atual contexto, o adjetivo “selvagem” utilizado para definir o ser índio é, portanto, substituído por “milícia”, ou seja, a formação discursiva citada é retomada a partir do uso de um novo lexema utilizado para caracterizar os indígenas na notícia. Os sentidos renovam-se e atualizam-se, mas a visão do índio como ser selvagem é regatada e reforçada no texto noticioso.

Em “De acordo com informações dos donos dos imóveis, a milícia indígena expulsou os funcionários (vaqueiros e familiares) e fizeram ameaças”, a parcialidade da notícia é explícita, no início desse parágrafo, demonstram às formações ideológicas do autor que, sendo etnocêntricas, assujeitam os indígenas às categorias de preguiçoso, selvagem, irrelevantes, além de empecilhos para o desenvolvimento que os fazendeiros, ditos ‘donos dos imóveis’, querem. O discurso também cria a imagem de que os funcionários estão vulneráveis às ações dos indígenas e estão correndo perigo de sofrerem alguma violência física ou mesmo a morte, pois ao se narrar que os indígenas “fizeram ameaças”, fica subentendido que os funcionários

são vítimas nesse processo e índios são autores de violências.

Em outro trecho da notícia: “Segundo o qual os índios não invadiriam novas propriedades e não fechariam os acessos às propriedades invadidas”, o uso exagerado de verbos de semântica ligada ao sentido de agressividade levanta um entendimento de como o autor caracteriza sujeito, ou seja, assujeita o índios a criminosos. No total, são usadas sete vezes derivações da palavra invadir. Para Maingueneau (2011), o fato de o enunciado ser modalizado pelo enunciador, mostra que a palavra só pode representar o mundo se o enunciador marcar sua presença no meio do que diz. Assim, os verbos são moldados para o sentido que o autor quer indicar.

A segunda notícia foi publicada no dia 25/07/14, trata das paralisações da construção da usina de Belo Monte e do aumento do custo da obra. A notícia afirma que os nativos são um entrave para finalização da obra. A usina de Belo Monte tem sua construção sobre a região do rio Xingu. A obra afeta 12 povos indígenas, que já promoveram diversas manifestações contra a construção da usina.

A notícia é intitulada “Ação do indigenismo eleva custo de Belo Monte em R\$ 700 milhões”. No texto, é utilizada a palavra *indigenismo* para descrever os atos dos indígenas, lexema criado a partir, possivelmente, das palavras indígenas + indigenistas = indigenismo, uma junção de indígenas e funcionários do governo. Vocabulário que suscita a ideia de o movimento não ser fruto somente de uma ação dos indígenas, mas que conta com a participação de indigenistas, ou mesmo, que eles são os líderes de tal ação.

Outra análise que pode ser feita é a de que o lexema indigenismo resgata, na memória discursiva, a informação de que os indígenas foram tutelados pelo Estado e, talvez, de que ainda estejam nessa condição. Um recurso para desmerecer as identidades étnicas nativas, pois leva a uma concepção de incapacidade dos indígenas, ou seja, de que ainda são tutelados pelo Estado.

Em outro trecho da notícia: “Desde o início da construção, as obras já foram paralisadas diversas vezes por causa de invasões por parte de índios ou por medidas judiciais do Ministério Público”, o emprego da palavra ‘invasões’ leva a pressupor que a atitude tomada pelos indígenas é violenta. O sujeito, no caso o indígena, poderá ter sua imagem atrelada a de vândalos, o que regata mais uma vez, na memória discursiva, a concepção muito defendida séculos passados de que os indígenas são “selvagem, sem lei, sem rei, sem alma”. A notícia desconsidera o fato de que a área em que a usina está sendo construída já pertenceu

aos povos nativos e que sua construção os afetará, bem afetará ribeirinhos da região. A notícia não dá voz ao indígena, ele é apagado e seu discurso silenciado. Atitude que além de deixar os indígenas sem condição de defesa, rompe com um dos princípios do jornalismo que é dá voz a todos os envolvidos numa fato noticiado. Portanto, verifica-se que a notícia em estudo é tendenciosa.

Em mais uma passagem da notícia, lê-se: “O movimento indigenista tem feito uma grande mobilização para dificultar a obra. Índios e indigenóides de diversas partes do país são levados para invadir e paralisar a construção”. A notícia volta a empregar o termo ‘indigenista’ para representar os grupos indígenas, mas destaca posteriormente ‘índios’ e ‘indigenóides’ para determinar as especificidades dos grupos. A palavra ‘indigenóide’ não tem significado conhecido, mas desconstruindo a palavra, ou seja, indigen + óide, podemos indicar um sentido: o ‘indigen’ está relacionado ao indígena e o ‘óide’ significa com aparência de ou semelhante a. Assim sendo, pressupõe-se que o autor esteja relacionando a palavra a outros moradores ou grupos étnicos que não são índios de fato, são pessoas que se assemelham aos índios ou se fazem passar por eles para obterem benefícios do governo. A identidade indígena, portanto, é questionada. Discurso que resgata o interdiscurso de que os índios são “coisa” do passado, isto é, foram extintos, não existem mais. Logo, os que se declaram indígenas são “indigenóides”, falsos índios, não tem reconhecimento da sociedade nacional como pertencentes aos grupos étnicos tradicionais. Deriva-se daí a ideia de que suas ações são fruto de interesse particular sem respaldo em Lei, pois rege a Carta Magna que aos índios é dado direito sobre suas terras, línguas, culturas e tradições. Mas os que promovem a ação de paralisar a obra de Belo Monte são *indigenóides*, categoria alienígena perante as leis brasileiras.

A frase a seguir, retirada do último parágrafo da notícia que emprega os termos ‘caciquóide’ e novamente ‘indigenóide’, sugere que são criados lideranças indígenas, ‘invenções’ para se beneficiarem de alguns direitos: “a mais de mil quilômetros de distância de Belo Monte, e o caciquóide Babau Tupinambá, um indigenóide que demanda terras no sul da Bahia”. Os dois recortes da notícia podem levar a conceber que os índios não têm força para se representar, ou seja, indefesos, incapazes e ainda comparados a selvagens. Desqualificações que lhes são atribuídas possivelmente por seus interesses serem divergentes dos interesses dos que veem na construção da usina o desenvolvimento econômico, discurso ideológico bastante difundido atualmente na sociedade brasileira. A notícia mais uma vez

questiona a identidade indígena ao tratar a questão de forma irônica ao sugerir que as categorias lideranças e indígenas são criadas. Discurso que fortalece a visão negativa sobre da identidade indígena, pois deixa claro, ao se afirmar que existem cacicóides e indigenódes, que há pessoas fabricando identidade indígena para se beneficiarem.

A terceira notícia analisada foi publicada no dia 28/07/14, é intitulada “Funai treina milícias de índios Kaingang e Guarani”, fala sobre um treinamento que os indígenas dessas duas etnias estavam fazendo para se defender no caso de invasão de suas terras. Logo, no seu título é empregada a palavra “milícia”, levando-se a criação de uma ligação dos índios com organizações armadas ou criminosas, ou seja, os indígenas são grupos perigosos, a cometer crimes. Incitação à construção desse dizer provoca na mente do leitor estereótipos já existente contra o indígena e sua cultura. As formações discursivas existentes nessa palavra remetem ao tempo da colonização, quando os europeus chegaram e logo trataram os índios como inferiores, fazendo-os trabalhar como seus escravos em troca de objetos como facas, espelhos etc. Os índios são conhecidos pela sociedade como fracos, preguiçosos, selvagens e outros estereótipos criados desde o tempo da colonização. O autor pressupõe os indígenas como sendo pessoas inferiores que são tutelados pelo Governo através da Funai. O sujeito nesse sentido não tem voz e nem vez, está sempre sofrendo preconceito. “No caso indígena, observamos que são raras as vezes que encontramos as vozes de lideranças sendo efetivamente representadas e suas reivindicações pautadas pelos meios de comunicação” (MINARDI, 2012, p. 05).

Pode-se inferir também do texto a leitura de que o Governo compactua com a violência realizada pela *milícia* de kaingang e guarani, pois até os capacita via FUNAI. O texto noticioso, portanto, mostra confronto entre duas formações discursivas, a dos ruralistas e do Governo atual. O discurso tendencioso, ao narrar o fato da capacitação, deixa entrever o discurso de oposição às ações do Governo atual numa clara crítica de que ele é o responsável pelos atos violentos impetrados pelos grupos nativos.

No decorrer da notícia, percebe-se no trecho que diz “A capacitação abordou dispositivos legais de proteção de terras indígenas, principais ameaças, ações e estratégias de vigilância”. Remete à opinião de que os índios estão sempre em situações de guerra com os donos de terras e que os indígenas estão se especializando para futuras batalhas por território.

Ao falar sobre a importância desse treinamento, o jornalista reforça seu texto com a fala do cacique. Porém, ao narrar a introdução da fala, ele utiliza “Segundo o cacique Milton

Kaingang, a atividade foi muito importante para discutir nossos direitos e a situação atual da nossa terra”. Nesse sentido a palavra “segundo” não remete exatidão do que realmente foi dito, e sim, enfraquece a verdadeira versão do que o cacique possa ter declarado. Pois, “segundo” não é afirmação e sim uma das versões sobre o treinamento. O sujeito nesse caso está inserido na formação discursiva do senso comum, que o melhor para o índio é viver no seu “mundo isolado” e para isso precisa lutar por uma terra que antes era somente deles. Para Silva, “a formação discursiva se define a partir do interdiscurso e se apresenta, portanto, como um domínio aberto e inconsistente”. (2005, p. 29).

No último parágrafo da notícia, é notório que esse treinamento para proteger as terras indígenas já vem ocorrendo a um longo tempo. “No ano passado, dentro do mesmo Programa de Capacitação em Proteção Territorial, os indígenas já haviam participado do curso de Cartografia Básica e Uso de GPS, ferramentas que dão suporte às atividades de vigilância indígena”. Incentivando o índio a aprender técnicas para se defender contra os invasores de terras. Nota-se que na notícia não é abordado quem invade as terras, ocultam o outro lado da história, no caso o índio, como se eles não pudessem aparecer na mesma notícia. Como afirma Minardi (2012), o tema “índio”, geralmente não interessa à mídia comercial, ora por complicações políticas, ora por desinteresse em relação aos vários problemas que enfrentam, pois se trata de uma minoria marginalizada.

Portanto, subentende-se que o senso comum se fortalece pelos sentidos já postos pela mídia, de que os grupos nativos são inferiores e ingênuos, e que para conseguir sobreviver à sociedade atual, precisa se submeter a cursos de estratégias para se defender.

## **Conclusão**

As notícias escolhidas para análise mostram que o *Notícias Agrícolas* reproduzem a ideologia etnocêntrica que os primeiros colonos tiveram sobre os nativos quando chegaram ao Brasil. E, por ser atrelado ao agronegócio indica também a discursividade de fazendeiros e produtores rurais. Esse discurso se reforça também na sociedade brasileira que historicamente carrega essa ideologia até os dias atuais. O sujeito não tem voz, porque ele é condicionado à ideologia dominante. As notícias assujeitam, no dito e no não dito, os indígenas a inferiores, marginais, criminosos, selvagens, tutelados pelo Estado etc.

Diante do exposto, o *Notícias Agrícolas*, a partir de seus interesses, contribui para essa construção negativa da representação do indígena, pois se utiliza dos estereótipos para

manipular as formações discursivas dos seus leitores para que criem uma imagem negativa do indígena. No espaço midiático, o site é apenas um entre vários jornais, portais de notícias, redes de comunicação que contribuem para esse olhar estereotipado sobre os povos nativos do Brasil. Assim, o jornalismo destoa de um dos seus principais objetivos frente à sociedade, a formação de um pensamento social crítico e reflexivo.

## Referências

ARRUDA, Rinaldo Sérgio Vieira. Imagens do índio: signos de intolerância. In: GADINI, Sérgio Luiz. A produção da cultura no jornalismo contemporâneo. Considerações sobre o discurso da informação na construção da identidade. XXI Congresso Brasileiro de Ciência e comunicação. 1999.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi et al. (org.). Povos indígenas e tolerância: construindo praticas de respeito e I Encontro do Grupo de Estudos Interdisciplinares de Literatura e teoria Literária – MOEBIUS solidariedade. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2001. P. 43-61

LAGE, Nilson. Estrutura da notícia, 6ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. Análise de textos de comunicação. 6ª ed. São Paulo: Cortez: 2011.

MELO, Patrícia Bandeira de. O Índio na Mídia: Discurso e Representação Social. Fundação Joaquim Nabuco, 2008.

MINARDI, Deborah. Mídia e Representações Sociais Indígenas: Caso do ataque ao acampamento Guarani Kaiowá. VIII Conferência Brasileira de Mídia Cidadã. 2012.

NOTÍCIAS AGRÍCOLAS. Questões indígenas. Disponível em:  
<<http://www.noticiasagricolas.com.br/>> Acesso em: 05. Ago. 2014. às 17 h.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise do Discurso: princípios e procedimentos, SP: Pontes, 4ª ed. 2002.

RATTNER, Henrique (Org). Brasil no limiar do século XXI. São Paulo. EDUSP. 2000.

SILVA, Maria Alice Siqueira Mendes e. Sobre a Análise do Discurso. Revista de Psicologia da UNESP. FATEC, Ourinhos, SP, 2005.